

A POÉTICA DA ANCESTRALIDADE EM POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcos Fabrício Lopes da Silva¹
(UFMG)

O filósofo alemão Walter Benjamin, em “Experiência e pobreza”, de 1933, já nos alertava que a supressão dos antecedentes históricos como atitude pragmática de validar os acontecimentos atuais, prejudica a compreensão processual acerca da série elementar que compõe a totalidade do acervo cultural produzido coletivamente: “ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1994: 119). Esta “obsessão evolucionista”, no entender de Mario Sergio Cortella (2005, 151), se apóia em pelos menos três tipos de preconceitos: a) o passado é sinônimo de atraso e ignorância inocente; b) a verdade é uma conquista inevitável da racionalidade progressiva; c) a ciência é instrumento de redenção da humanidade em geral. Tal mentalidade dominante não abre espaço para a relatividade histórica e nem para a compreensão das condições de produção do conhecimento; mais ainda, deixa entrever a fatalidade dos destinos coletivos a serem conduzidos apenas e unicamente por aqueles homens que partilhem do acesso exclusivo ao mundo do saber. Verifica-se, nesse sentido, a formação elitista de uma ‘cúpula de notáveis’, em detrimento da composição pluralista de “coletivos pensantes” (LEVY, 1993), compromissados em promover epistemologicamente o compartilhamento de saberes, o que vai de encontro ao modelo convencional de concentração de poder, responsável, dentre outras coisas, pela propagação generalizada de que existe um *pensamento único* que nos governa.

A interdição de verdades alternativas em benefício da promoção da ideologia hegemônica que coordena a ordem do discurso, conforme salienta Michel Foucault (2004), colabora de forma decisiva para a compreensão majoritária do real como um produto acabado, finito, unilateral. Diante dessa concepção imobilizadora, muitos, por não vislumbrarem o aspecto processual do passado, não conseguem

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Bolsista de Doutorado do CNPq). Mestre em Literatura Brasileira pela mesma instituição. Jornalista, formado pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Poeta, autor do livro *Dezlokado* (2010).

perceber seus aspectos transitórios e/ou suas marcas de continuidade. Nesse sentido, a indagação trazida por Walter Benjamin, em “Sobre o conceito da história”, é bastante procedente: “não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (1994, 223). Adverte o filósofo alemão que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1994, 224).

Walter Benjamin nomeia este mal iminente como o ato de o sujeito histórico, de maneira alienadora, “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (1994, 224). Nota-se que, neste contexto, trazer à baila versões do passado “renegado” pelos mitos de fundação de um povo, reconhecidos oficialmente, requer do agente de reflexão uma postura contestadora de extrair o conformismo da tradição. Tal atitude de emancipação epistemológica e performática pode ser verificada nos escritos de Conceição Evaristo, a partir de um projeto literário articulado pela ficção e pela história, que foi nomeado por ela como *escrevivência*. Mais detalhes, a própria autora versa a respeito:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (...)

A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘nimar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2007, 20-21).

Destacaremos nos poemas “Vozes-Mulheres” e “Da Mulher, o Tempo”, da escritora afro-brasileira, a presença da *poética da ancestralidade*, que consiste em reconhecer de forma afirmativa o passado da mulher negra, com o objetivo de elaborar uma *contranarrativa*, capaz de valorizar a sua condição de sujeito histórico que resistiu à *invisibilidade* e à *reificação*, decorrentes da mentalidade escravista e patriarcal que fundamentaram hegemonicamente a sociedade brasileira.

Em “Vozes-Mulheres”, Conceição Evaristo lança-se na diacronia como forma de buscar um tempo esgarçado pelo corte cego da linearidade histórica. É na linha do contra-discurso, contestando o discurso vigente, que a escritora se posiciona, vislumbrando, nesse sentido, uma possibilidade de resgate do que foi relegado aos desvios da História. Vejamos o poema:

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 1990, 32-33)

Perfazendo o trajeto da História, mas sob o ponto de vista de quem a sofreu, Conceição Evaristo vasculha o tempo, espana as estereotípias petrificadoras e, através de sucessivas gerações, permite-nos entreouvir conspirações de vozes sussurradas no avesso do afresco histórico. Na contra-corrente, a autora divide os tempos obedecendo a seguinte progressão vivenciada pela mulher negra: três passados, dois presentes e um futuro. O passado subdividido em três momentos, remete o primeiro – referente à primeira estrofe – a um tempo remoto: viagens de tumbeiros. Viagem infernal, a quebra com o elo primordial, a terra/Mãe/África, o desenraizamento brutal e sem horizonte.

Embora sendo a de menor extensão, a segunda estrofe cobrirá um período histórico mais longo, representando os quatro séculos da escravidão negra. É o vocábulo ‘obediência’ que concentrará toda a carga deste período. História de infindáveis sujeições e genuflexões de homens com a sua humanização interdita pela tirania senhorial. Despidos de sua representação, estes indivíduos carregarão nas costas, além da exploração étnica e econômica, todas as deformações do vicioso sistema escravocrata. E, somente no último verso da estrofe, será instalado o acionador do conflito, quando se desvela o rosto ‘branco’, assim como sua posição na pirâmide da sociedade escravagista

brasileira através do vocábulo ‘dono’. Não existindo a noção de senhor sem a prática do direito de propriedade, sabemos que é na dicotomia “dono/obediência” que é possível acompanhar a tensão existente entre esses dois pólos, no contexto de quatro séculos dos ciclos/vícios da escravidão negra.

Na terceira estrofe relativa ao percurso de ocupações reservadas à mulher negra, de mucama a cozinheira, destacando-se pela servilidade, apresenta como momento histórico o período que vai do período pós-abolição, caracterizado pela saída da senzala em direção à favela. No poema, a cozinha é apresentada como sendo o espaço recuado e oculto da casa, sendo que a ocupante deste local, a mulher negra, ocupa o fundo deste espaço de fundos, os confins da sociedade. Outro rebaixamento está em ocupar um espaço que não é seu; o que a torna contraditoriamente integrada – pois que este é o espaço que socialmente lhe cabe, ao mesmo tempo em que é percebida como estrangeira e intrusa nas cozinhas “alheias”. “Alheias”, alijadas dos espaços sociais representativos, resta-lhes cozinhar “baixinho revoltas” em direção à favela, um *remake* da senzala.

A quarta estrofe, embora no presente, configura um passado contínuo. É a voz desértica da poeta e de sua perplexidade diante do desastre histórico – as infundáveis obediências/servidões – e o que ‘ainda’ perdura. O passado caótico ‘ainda’ no presente reclamando a organização do caos, possibilidade apontada nos instrumentos de que dispõe: suas rimas. Entretanto, no passado como no presente, são rimas de “sangue” e “fome”. Somente na quinta estrofe, num presente perspectivo, a poeta entrevê a possibilidade de um resgate projetado na imagem da filha. Esta representa o receptáculo de todas as vozes/vidas às quais foram impingidos a sujeição e o silêncio. A filha/rima tem como missão coletiva recolher, como quem procura entre os destroços, o que sobreviveu ao desastre: “vozes mudas caladas/engasgadas nas gargantas”. A voz recém-nascida a explodir o grito de todas as vozes impedidas.

Subdividindo-se em duas partes, a última estrofe representa, também dois tempos: os quatro primeiros versos, ainda no presente, concretizam o resgate na transformação das vozes mudas em “fala” e “ato”. A voz negra definindo-se como autora de sua vida. Na imagem da filha, a organização do caos procurada nas rimas “perplexas”. O verbo no futuro, na segunda parte desta última estrofe, sinaliza para o reconhecimento e a integração de todas as vozes, encontrando no termo “ressonância” a repercussão e a

expansão da palavra/ato. E o que era mudez, introversão ou revolta apenas murmurada, ganha movimento, descongela a petrificação dos tempos/calmarias e obtém resposta. A resposta/eco em expansão objetiva minar os alicerces do edificante discurso instituído, penetrando as fendas de um futuro aguardado: uma possível “vida/liberdade”.

Ainda explorando a propriedade performática do “tempo espiralar”, sendo o presente revigorado pela compreensão do passado “ocultado”, numa projeção em que “cada repetição é em certa medida original, assim como, ao mesmo tempo, nunca é totalmente nova”, segundo Leda Martins (2002, 85), Conceição Evaristo, no poema “Das mulheres, o tempo”, examina o presente a partir do reconhecimento afirmativo do passado, cuja operação, a nosso ver, pode ser compreendida a partir do que chamamos de *poética da ancestralidade*. Nesse sentido, a poeta questiona o conceito de memória atrelada ao fato de se considerar, diante do amontoado de fatos ocorridos, apenas o que é digno de ser lembrado para homenagens. Agindo assim, Conceição Evaristo traz para a cena literária “a recordação e outros movimentos” de seus poemas, marcado pela performance de um *eu-comunitário* empenhado em trazer à tona as questões étnicas e de gênero, sendo estas fundamentais para a construção da identidade que por muito tempo é negada ou subvalorizada pelos circuitos racialistas e patriarcais. Para o título de seu livro, a escolha por “recordações” ao invés de “memória”, feita por Conceição Evaristo, resgata a mesma opção adotada por outro escritor afro-brasileiro Lima Barreto, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de 1909. E o porquê dessa coincidência terminológica?

Dois estudiosos, a nosso ver, oferecem pistas interessantes para responder à questão. Para Adélcio de Sousa Cruz (2002), em termos de identidade étnica, há uma “linha de cor” (DUBOIS, 1903) que separa “memória” de “recordações”. Segundo ele (2002, 67-68), no Brasil, o estatuto da memória coube tradicionalmente aos “donos do poder” (FAORO, 1958), a exemplo do senhor de escravos que protagoniza a obra machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Por sua vez, as “recordações” ficaram a cargo daqueles que sistematicamente sofreram com o processo de apagamento quanto à sua participação no processo de construção histórica da identidade brasileira, prática da qual foram vítimas os negros, cujo drama foi ficcionalizado por Lima Barreto, a partir da invisibilidade sofrida pelo escrivão Isaías Caminha. Já, Joel Rufino dos Santos (2004) traz outra contribuição interessante ao mencionado debate, quando

salienta que “a memória alimenta os patrimônios” e é comprometida com o poder, enquanto “o esquecimento alimenta o matrimônio, as trocas invisíveis no escuro da noite [...] Matrimônio é o que foi escondido pelo patrimônio, assim como o produto esconde o processo pelo qual se fez” (SANTOS, 2004, p. 73). Ressalta o historiador, ainda, que o papel da literatura é o de oferecer uma “utilidade humana” ao poder, sendo, para tanto, necessário “recuperar os desejos esquecidos das criaturas esquecidas” (SANTOS, 2004, p. 73).

Recuperar os desejos esquecidos das criaturas esquecidas significa justamente recordar. Daí vem mais um preceito da *poética da ancestralidade* presente na obra de Conceição Evaristo. Podemos também deduzir que as recordações trazidas pela escritora também se encontram nos “becos da memória”, termo este que intitula um dos livros de prosa da autora. Voltando à nomeação do seu livro de poesias, Conceição Evaristo adiciona “outros movimentos” a “recordações”, ressaltando-lhe o caráter fluído, mutante, relacional da construção de sentidos em alternativa à noção de memória como registro fixo, permanente e unilateral.

No poema “Da mulher, o tempo...”, Evaristo faz uso da narração de 3ª. pessoa, porém desvencilhando-se de uma postura de distanciamento no plano da observação para envolver-se e deter-se melhor na complexidade do perfil da mulher que protagoniza o enredo. Vamos à transcrição do mencionado poema:

DA MULHER, O TEMPO...

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas, (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.
Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.

E viu que nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvores nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.
E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens lindas

Viu seu ventre eterno grávido,
salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

(EVARISTO, 2008, p. 26-27)

O jogo entre o reflexo e a reflexão do sujeito mediado pelo espelho se faz no poema de Evaristo. Nele, a mulher mira-se no “espelho do tempo” não para se retocar, mas para trazer à tona as rugas e assim não escondê-las. Notem que é realçada a infinita quantidade de marcas do tempo – “mil rugas” – em tom afirmativo, para demonstrar a versatilidade existencial da mulher. Em seu rosto, manifestam-se as rugas, sendo que “só as visíveis sorriram”. Elas se encontram “perpendiculares às linhas da dor”. Aqui, alegria e tristeza se entrelaçam, evidenciando a maturidade do sujeito feminino. Os olhos da personagem fogem à representação tradicional de aparelho visual condicionado às imagens vindas de fora. Eles se apresentam como “janelas da alma”, à maneira de Leonardo da Vinci, sendo capazes de expor dialeticamente o sujeito entre “o temor e a coragem” advindos do “incerto vaivém da vida”. Diante dessa oscilação, a íris da mulher não se abate, expondo-se destemidamente, em sintonia com a interioridade.

No poema de Evaristo, “no espelho de suas águas”, a mulher mergulha dentro de si, a partir de um *salto imortal*, cuja extensão da vida se faz e refaz “no fluxo e refluxo de seu eu”, fazendo com que o tempo se renda aos seus encantos. Longe da rasteira noção de aparência, as “mil estrias” passam ao largo do papel de meras testemunhas de um corpo feminino flácido e desgastado. Elas são sinais evidentes de um “ventre eterno grávido”, cuja motivação maior é o de expandir “momentos renovados d’esperança nascitura”. Ao fazer uma genealogia trazendo à tona toda uma linhagem familiar negra, a exemplo de “Vozes-Mulheres”, o eu-poético anuncia a redenção da protagonista do texto diante da História, quando ela se faz aliada do seu passado: “a voz-mulher/na rouquidão de seu silêncio/de tanto gritar acordou o tempo no tempo”. Tais versos demonstram os esforços de Evaristo para recuperar o que Aline Alves Arruda chama de “história ancestral diaspórica”, que “teve como signo o navio negreiro e as conseqüências do que ele trouxe” (2007, 58).

Imbuída dessa importante missão histórica, a personagem, em “Da Mulher, o Tempo...”, sabidamente conclui, diante do espelho, que “o tempo não lhe fugiu entre os dedos”. Cultuando os seus antepassados, a mulher compreende que o tempo, na

verdade, “se guardou de uma mulher a outra...”, para que se pudesse tecer “uma rede de infinitas jovens lindas” (p.27), embalando o tempo “no templo de seu eternizado corpo” (p. 27). Estes círculos dentro de círculos revelam, na opinião de Roland Walter, “uma consciência de entrelaçamento cósmico” e “uma ordem de saber fluido” (2009, 80) presentes na literatura de Conceição Evaristo.

Enfim, convocamos o conceito de *poética da ancestralidade* para demonstrar a eficácia dos poemas “Vozes-mulheres” e “Das mulheres, o tempo...”, de Conceição Evaristo, que tanto re(ins)tauram o passado, quanto impulsionam o presente, como anunciam o futuro, apresentando a mulher negra como legítima geradora da *consciência uterina afroexistencial*, que alicerça, com consistência, o pertencimento étnico-afirmativo de uma coletividade.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza (1933). In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1). p. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história (1940). In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1). p. 222-232.
- CORTELLA, Mario Sergio. A verdade, uma conquista inevitável? In: _____. *Não espere pelo epitáfio...: provocações filosóficas*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 151-154.
- CRUZ, Adélcio de Sousa. *Lima Barreto: a identidade étnica como dilema*. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. Da mulher, o Tempo.... In: _____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 26-27.

- EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: Quilombhoje (Org.). *Cadernos Negros 13*. São Paulo: Edição dos Autores, 1990. p. 32-33.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patrimônio político brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1958. 271p.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004. (Leituras filosóficas).
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002. p. 69-91.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói, RJ: EDUFF, 1995.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.
- WALTER, Roland. Conceição Evaristo: os círculos de uma memória. In: _____. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra nas Américas*. Recife: Bagaço, 2009. p. 77-80.